



A industrialização do município de Pelotas/RS: Um estudo sobre a territorialização do início do século XX no bairro Porto.

Eduardo Schumann, UFPel, eduardoschumann01@gmail.com¹

William Martins Lourenço, UFPEL, willilou@gmail.com²

Tiaraju Salini Duarte, UFPel - tiaraju.ufpel@gmail.com³

Resumo

Esse trabalho tem por objetivo analisar os processos de territorialização no bairro Porto, localizado no município de Pelotas, bem como as dinâmicas que este processo gerou. Destaca-se que Pelotas tem um histórico marcante no manejo da produção saladeril e, por conseguinte, na produção industrial da carne. Neste sentido, podemos observar que a localização do município em conjunto com a concentração de capital e estrutura logística possibilitou a consolidação da territorialização deste setor no bairro porto, impactando diretamente nas dinâmicas desta área.

Palavras-chave

Industria de Pelotas; territorialização ; economia; produção.

1. INTRODUÇÃO

A indústria pelotense originou-se da readequação do manuseio histórico vinculado ao processo de fabricação da carne e do impacto positivo que esse setor proporcionou às diversas atividades econômicas deste município. Até o final do século XIX, a produção saladeril em todo o país advinha da produção manual e precária deste setor, atuando em um modo de produção colonial escravista nas relações produtivas (GORENDER, 1985).

A partir do final do século XVIII, através do surgimento de uma nova frente econômica, o Brasil foi marcado pela descoberta do ouro nas Minas Gerais. O trabalho apegado ao ouro, necessitava grandes forças produtivas (povoamento acelerado) que, por conseguinte, carecia de recursos materiais para o consumo interno dos trabalhadores.

Doravante, devido ao aumento do consumo nos estados do centro do país, o município de Pelotas, que detinha uma organização da pecuária, passou a produzir o charque para tal demanda no final do século XVIII. Além da produção interna, os navegantes nesse período colonial que se deslocavam à Europa, usufruíam do charque pelotense (BRITO, 2011. P. 40). Essa dinâmica estendeu-se até o final do século XIX, quando o município entra em um período de transição na forma de manipulação da carne. Inicia-se assim o processo de capitalização através da mão de obra assalariada, em conjunto com o envolvimento dos bancos de desenvolvimento nacionais e locais na economia.

¹ Autor - Graduando do curso de Bacharel em Geografia da Universidade Federal de Pelotas.

² Coautor - Graduando do curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Federal de Pelotas.

³ Orientador – Professor adjunto do curso de Geografia da Universidade Federal de Pelotas.

A capitalização do município no final do século XIX e início do XX, esboçado por intermédio das relações de produção, consolidou-se com intensidade. O envolvimento dos Bancos de desenvolvimento (públicos e privados), que injetaram a prática do crédito na economia, possibilitando a inserção de capital e constituindo uma série de mudanças territoriais que estariam a porvir. Estas transformações impactaram diretamente nesta localidade, sendo usufruída principalmente pelo comércio e algumas empresas locais, a exemplo do Frigorífico Rio grande e da Fiação e Tecidos Pelotense, em 1909.

O crédito, conforme manifesta Yuval Noah Harari, “nos permite construir o presente à custa do futuro. Baseia-se no pressuposto de que nossos recursos futuros serão muito mais abundantes do que nossos recursos presentes”(HARARI, 2011. p.318). Assim, aliado a ideia do autor citado, o crédito propiciou o financiamento das indústrias iniciantes e diversificou os investimentos das empresas manufatureiras, as quais detinham o histórico da produção do charque.

Concebe-se assim, a produção do espaço fabril no bairro porto e a territorialização de empresas nesta região. A facilidade de direcionar o capital de forma atípica por parte das manufatureiras e do comércio, aliado aos ares capitalistas nesse período, facilitou a explosão industrial em Pelotas. Não obstante, empresas como micro cervejarias, fábrica de tecidos e de manipulação do couro, tiveram nos Bancos uma forma de financiar a modernização e a mecanização das linhas de produção.

A partir desta problematização, o presente trabalho tem por objetivo principal analisar a territorialização do setor industrial no início do século XX no bairro Porto, localizado no município de Pelotas, buscando compreender as dinâmicas construídas por este setor na referida região. A justificativa para esse recorte espaço/temporal encontra-se atrelada ao momento de explosão industrial que o município vivenciara neste período.

METODOLOGIA

O presente trabalho traz à discussão, inicialmente, em termos metodológicos, acerca da historiografia do município de Pelotas voltada aos processos industriais e sua evolução. Para isto, utilizou-se de revisões bibliográficas, por meio de livros, dissertações de mestrado, teses de doutora e artigos científicos. Os principais autores empregados foram o Jeferson Dutra Salaberry (2012), Natalia Daniela Soares Sá Brito (2011) e Neuza Regina Janke da Silva (1999). Na análise territorial das indústrias, foi utilizado Rogério Haesbeart (2007) e o autor Marcelo Lopes de Souza (2013).

Após desempenhada a revisão bibliográfica, em um segundo momento, sucedeu-se o levantamento empírico das materialidades presentes no bairro Porto, localizado no município de Pelotas. Justifica-se este recorte analítico tendo em vista que esta localidade representa a intensa industrialização no momento histórico elencado pela pesquisa. Seguidamente, por meio das tecnologias de sistema geográfico, fez-se a espacialização das indústrias utilizando a plataforma de software livre Qgis que nos permite observar a localização destas empresas, possibilitando compreender as formas de territorialização dos empreendimentos no bairro porto.

A base cartográfica de referência para este processo foi disponibilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Sendo assim, a realização do mapa da organização territorial das indústrias, facilitou a leitura da industrialização no início do século XX.

Território e territorialização: conceitos basilares para compreender a industrialização

O conceito de território, numa discussão etimológica da palavra, deriva do latim *territorium*, possuindo dois significados: o primeiro relacionado a terra e o segundo ao terror (Haesbaert, 2007). Nesse sentido, podemos observar que o conceito está tanto vinculado ao processo de identificação com a terra, como também com a relação de medo.

Esta discussão (que envolve tanto o sentimento de medo como os processos de identificação) está vinculada às projeções de relações de poder no espaço, derivada das ações dos mais diversos sujeitos. Para Marcelo Lopes de Souza (2013, p. 78), em primeira aproximação, o território é um “espaço definido e limitado a partir de relações de poder”. Essas relações de poder mostram-se através dos atores sociais que são constantemente postos em conflito, sejam eles grupos na defesa de uma identidade, passando por variadas escalas de análise, sejam os Estados-Nação nas disputas de poder.

Sendo assim, o poder torna-se determinante na compreensão do conceito de território. Considerando as variáveis que intermeiam o conceito, a exemplo da dimensão econômica (trabalho e circulação de bens) e cultural (simbolismos e identidades) das territorializações, o entendimento do território se amplia para além das materialidades. O território incorpora um caráter social, através dos “campos de força” (SOUZA, 1995). Tendo em vista essa dimensão, o substrato material (formas espaciais, objetos

geográficos, materialidades, etc.) possibilita a expressão das projeções de relações de poder no espaço.

Contudo, historicamente dentro da ciência geográfica, o conceito de território foi negligenciado/reduzido ao recorte espacial do Estado-Nação. Alguns países europeus, como por exemplo a Alemanha, ao longo do século XIX, desenvolveram formas de enaltecer suas riquezas naturais e suas peculiaridades físico tendo como base os conhecimentos da ciência geográfica. Nesse contexto, o discurso do Estado pauta-se na ideia de unificação das diferentes identidades na construção de um “território pátrio” frente aos conflitos econômicos envolvendo outros países.

Diante desse cenário, surgem teóricos com o papel de legitimar a soberania nacional; citamos como exemplo, o geógrafo Friedrich Ratzel que através do conceito determinista de espaço vital, reduziu o entendimento de território ao “solo”, ao pertencimento do indivíduo àquela nação. Vale lembrar que no contexto histórico, onde buscava-se a ideia de superioridade dos povos germânicos frente aos países europeus, o desenvolvimento deste tipo de análise do território faz-se coerente.

Assim, o entendimento do território limitou-se a recortes político-espaciais. Os limites fronteiriços, limitações expressadas por cartas e mapas, criaram e influenciaram o entendimento do conceito de território no imaginário mundial. Por este motivo Souza (2013) relata que nos dias atuais, profissionais e pesquisadores, ainda utilizam o conceito de território como sinônimo de espaço geográfico.

Conforme os debates desenvolvidos historicamente por intelectuais ligados a ciências diversas, o conceito de território foi amadurecendo no espaço e no tempo. No Brasil, por um longo período de tempo, priorizou-se discussões em torno da geografia tradicional e da geografia quantitativa. Durante grande fração do século XX, o conceito de território conhecido por meio das limitações político-espaciais teve maior peso na ciência geográfica brasileira.

Na segunda metade do século XX, com o aumento da taxa demográfica do país e o seguido aumento da intensidade das relações sociais, os intelectuais brasileiros voltaram-se à discussão envolvendo o conceito de território. Por meio dessa retomada dos debates, o enriquecimento do conceito deu-se por meio da inclusão das variadas escalas de análise na busca do entendimento das novas dinâmicas envolvendo o novo mundo globalizado.

Neste sentido é que o presente trabalho busca compreender o território, frente principalmente a interpretações que extrapolam a relação direta entre este conceito e o

Estado, buscando analisar outras expressões do poder no espaço, as quais são evidentes, na presente pesquisa, através da relação entre empreendimentos diversos que territorializam-se no município de Pelotas no bairro Porto no início do século XX, construindo dinâmicas ímpares nesta região

O contexto Pelotense e a territorialização das indústrias no bairro Porto.

Pelotas se situa na metade sul do Rio grande do Sul (figura 1) e se constitui como uma das capitais regionais do Estado. Tendo a distância de 58 km do porto de Rio Grande, um dos portos mais influentes da região sul. O município possui uma saída para o oceano Atlântico através da desembocadura da Laguna dos Patos (figura 01).

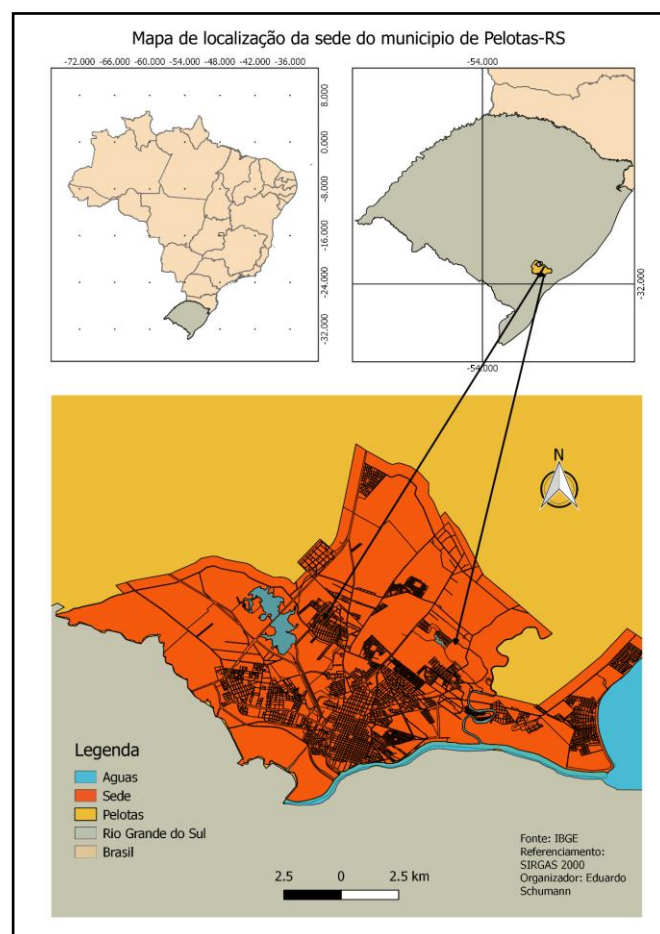


Figura 1: Mapa de localização da sede do município de pelotas. RS.
Fonte: Autores, 2019.

Neste sentido, a posição geográfica estratégica na região sul, em conjunto com o capital oriundo de uma série de empreendimentos predecessores ligados ao charque, possibilitou o desenvolvimento de uma série de empreendimentos que emergiriam no início do século XX como base da economia pelotense e regional.

A grande propriedade de terra oriunda da divisão das sesmarias, até o final do século XIX na metade sul do Rio Grande do Sul estruturou as práticas de produção do charque, as quais formavam a base produtiva regional que possibilitava a capitalização (e concentração de renda) por determinadas famílias. Essa estruturação formou-se por meio das charqueadas e do trabalho escravo, os quais faziam o segundo processo da fabricação do charque e nesse contexto, a grande propriedade de terra atrelada a indústria charqueadora, constituíam-se como principais atores econômicos no desenvolvimento nesse período. Magalhães (1993) destaca que neste período inaugura-se uma forte indústria, a qual concentra a renda e transforma a estruturação econômica da região.

A autora Pesavento (2014, p. 49) também corrobora para entendermos este contexto, tendo em vista a grande concentração industrial na região sul: “Antes da década de 1880 [...] a indústria concentrou-se preferencialmente em Rio Grande e Pelotas, visando mais ao abastecimento do mercado nacional do que às necessidades locais”. A afirmação da autora vai ao encontro da perspectiva de compreender o município como um importante pólo centrado na exportação. Destaca-se que o município de Pelotas possuía uma série de estruturas voltadas a comercialização com o mercado interno e externo, como o porto fluvial datado do ano de 1832 e a ferrovia finalizada em 1884 (SALABERRY, 2012; BRITO, 2011).

A logística neste momento histórico seria essencial na constituição de áreas produtivas, possibilitando nestas localidades a territorialização de diversos atores, internos do município e externos. Estes últimos vislumbravam a possibilidade de reprodução do capital em áreas que possuíam uma base de transporte, mercado consumidor e mão-de-obra.

A localização das primeiras indústrias, embora não fosse estipulada por um zoneamento ordenado pelo Estado, acabou por ser ordenado pela lógica capitalista de produção, concentrando-se nas imediações da zona portuária devido às vantagens locais que o porto e a malha ferroviária propiciavam para o desenvolvimento da atividade industrial. (BRITO, 2011, p. 17)

O município de Pelotas possuía então uma série de características que predisponha a seu favor para a consolidação de um parque industrial a partir da territorialização de atores que poderiam reproduzir seu capital. Logo, diversos setores voltados às atividades da agricultura (produção de gado) e da indústria local (produtos manufaturados) potencializaram o desenvolvimento do setor secundário, gerando aumento dos fluxos econômicos no município. Salaberry (2012) destaca que o município possui uma industrialização mista, conciliando a grande indústria voltada a exortação para mercados nacionais e internacionais em conjunto com a produção voltada para o abastecimento regional.

Estas características são evidenciadas ao analisarmos que no ano de 1939 Pelotas atingiu o segundo maior Produto interno Bruto (PIB) do estado (ficando atrás da capital, Porto Alegre), e sua participação relativa foi de 5,66% no PIB total do Rio Grande do Sul. O PIB *per capita* (indicador de desenvolvimento econômico) também alcançou valores expressivos, ocupando a segunda colocação no ranking do estado, com o PIB *per capita* 1,80 vezes maior do que a média estadual (TEJADA, 2013. p. 119).

Neste sentido, destaca-se que além da forte indústria da carne, outros setores da economia deram suporte às agroindústrias, fazendo de Pelotas um polo regional significativo. A malha ferroviária, que se estende desde a região do porto, passando por Viamão, Santo Antônio da Patrulha, Encruzilhada do Sul, Caçapava, Rio Grande, Canguçu, Bagé, Rosário do Sul, Alegrete e Cruz Alta, mostra-se como um elemento importante no escoamento da produção das agroindústrias para o abastecimento de uma demanda regional. Também, houve a tendência de aglomeração das fábricas à margem do canal São Gonçalo e da linha férrea, caracterizando-se como marcas da territorialização e das práticas espaciais na produção do espaço.

Todas estas características produtivas possibilitam que a região do bairro porto (o qual encontra-se na atualidade localizado entre as regiões administrativas do Centro e São Gonçalo) possibilita-se a concentração de diversos agentes produtivos, tanto de grandes indústrias como os frigoríficos, como de pequenas agroindustriais que abasteciam o mercado regional (figura 02).

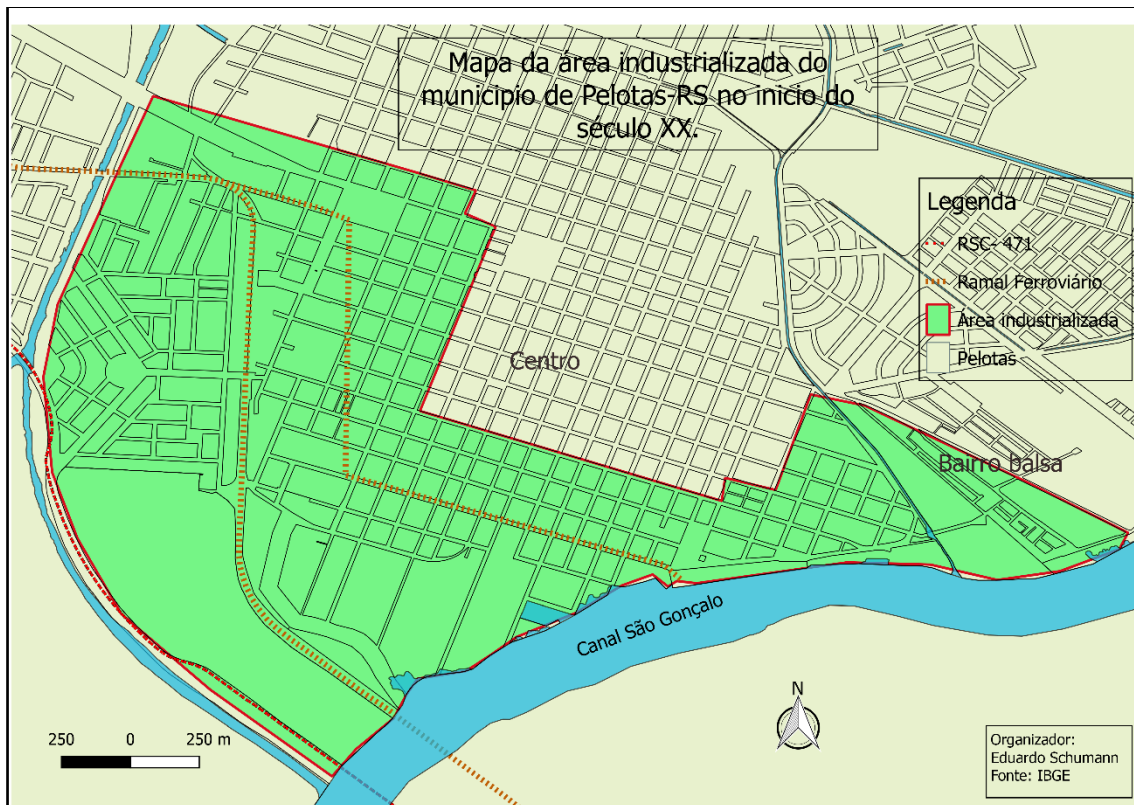


Figura 2: Área com intensa industrialização no início do século XX
Fonte: Autores, 2019.

A concentração industrial ao longo do tempo construiu então dinâmicas territoriais impares no bairro, as quais constroem novas estruturas urbanas, pois, conforme evidencia Roberto Corrêa Lobato, os proprietários dos meios de produção enquadram-se como agentes sociais moldadores do espaço que induzem a realização das formas e das materialidades da superfície (LOBATO, 1989. p. 44-45). As indústrias necessitavam de grandes áreas de terra, com acesso à água, capacidade de evacuação da produção (acesso à malha ferroviária ou/e ao transporte hídrico) e principalmente, mão de obra.

Desse modo, os agentes modeladores do espaço executaram práticas espaciais na busca da territorialização dos meios de produção para a reprodução do seu capital, encontrando no bairro porto um dos principais locais para estas praticas no Rio Grande do Sul do início do século XX. Além disso, esse assentamento territorial levou, além da territorialização das empresa, ligado às fábricas e ao comércio, ao surgimento de bairros operários que até hoje constituem o viver cotidiano de diversos atores.

A ocupação do território na região portuária de Pelotas, por meio de indústrias manufatureiras através de práticas espaciais no início do século XX, como já visto, induziu transformações e construções no espaço periférico às indústrias. Um destes

exemplos é o bairro Balsa, o qual se expandiu após a construção — pelo frigorífico Anglo — de quatro casas que serviam de moradia para engenheiros que trabalhavam nas tecnologias da linha de produção. Com a consolidação do território fabril, gradativamente essa área foi sendo ocupada por diversos funcionários de outras cidades regionais e proletários das mais variadas atividades. (SILVA, 2009. p. 326).

Os trabalhadores que ocuparam esse espaço eram oriundos das regiões coloniais do município e tinham no local uma opção de se inserir ao então recente mercado capitalista. Conforme Neuza Regina Janke da Silva (1999, p. 324), estima-se que o número de moradores do bairro variava em torno de 800 a 1200 habitantes, sendo cerca de 80% trabalhadores do Frigorífico Anglo.

Logo, podemos compreender que a territorialização de diversos agentes industriais no bairro porto foi oriundo de uma serei de dinâmicas econômicas e sociais que possibilitaram a formação de estruturas urbanísticas impares na região. Os mais diversos atores econômicos que ali se instalaram vislumbraram as diversas transformações que o bairro passaria ao longo dos anos, construindo logísticas de territorialização e posteriormente de desterritorialização no bairro ao longo da segunda metade do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Município de Pelotas, por meio da intensificação do modo de produção capitalista teve sua organização produtiva dominante (escravismo colonial) modificada ao longo do final do século XIX e início do XX. Pode-se observar que a metade Sul do Rio Grande do Sul sempre foi representada pelo latifúndio pecuarista e pela presença das charqueadas, sendo estas as grandes responsáveis pela capitalização e concentrar de renda do município no século XIX.

Neste sentido, a industrialização da cidade de Pelotas no início do século XX insere-se nesse contexto social e econômico onde surgem mercados consumidores dentro e fora do Brasil. Devido a competitividade do charque internacional (charque do Uruguai e da Argentina), a indústria de carne Sul rio-grandense necessitou implementar a mecanização moderna das linhas produtivas de enlatados e carnes embaladas a vácuo. As exportações eram voltadas principalmente para a Europa e alguns estados do sudeste do Brasil. Daí nota-se a importância da mecanização, além da demanda do mercado nacional,

países em guerra necessitavam dos produtos oferecido por grande parte dos frigoríficos do Brasil, alavancando as indústrias.

À medida que economia regional demonstrava as possíveis transformações e potencialidades do município, desenvolver-se uma serie de empreendimentos o comerciais, as pequenas agroindústrias, as indústrias de tecido e as indústrias de processamento de couro, frigoríficos, entre outros estabelecimentos que territorializam-se no bairro porto devido a características logísticas como a existência do porto, estrutura ferroviária, dinâmica comercial, entre outros atrativos, formando o espaço fabril do Bairro Porto. Por conseguinte, podemos constatar que na primeira metade do século XX, Pelotas chega no auge de desenvolvimento econômico, conquistando o segundo maior Produto interno Bruto (PIB) total do estado e o maior PIB *per capita* de sua história.

O desenvolvimento econômico das indústrias, expressado através do PIB *per capita* e total de Pelotas e pela intensidade de consumo local, possibilitou a consolidação do município como polo regional do litoral Sul. O Bairro Porto localizado às margens do canal São Gonçalo e da linha ferroviária, forma neste momento histórico um grande elemento na construção de redes de distribuição de mercadorias para o consumo. Além disso, os bancos de desenvolvimento, como por exemplo, o Banco Pelotense, tiveram o importante papel no financiamento econômico das pequenas indústrias e do comércio. Esse financiamento bancário impulsionou os investimentos em infraestrutura (linha ferroviária, vias rodoviárias, sistemas de drenagem e transporte de operários) no espaço fabril.

Sendo assim, a nova forma de produção industrial na região portuária de Pelotas incorpora uma estrutura de organização social e econômica impar no estado gaúcho. O surgimento de bairros predominantemente operários na periferia geográfica da área industrializada é um dos variados exemplos que demonstra estas novas formas de organização, sendo frutos em grande parte (mas ausente de planejamento muitas vezes) das dinâmicas industriais. Neste sentido, tais meios industriais tiveram a possibilidade de compartilhamento das infraestruturas materiais e a oferta de mão de obra barata próximo a concentração demográfica, o que implico nas dinâmicas que estaria a porvir no bairro.

REFERÊNCIAS

BRITO, N, D. **Industrialização e desindustrialização do espaço urbano na cidade de Pelotas (RS)** 2011. 108 f.. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Ciências

Humanas e da informação – Programa de pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Rio Grande, Rio Grande, 2011.

GORENDER, Jacob. **O Escravismo Colonial**. São Paulo: Ática, 1985.

HARARI, Y. N. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. L e PM, 2011. Porto Alegre. p. 286.

LOBATO, L. C. **O espaço urbano**. Rio de Janeiro: Ática, 1989.

MAGALHÃES, M. O. **Opulência e Cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. 1983. 257 f.. Dissertação mestrado (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, 1983.

PESAVENTO, S.J. **História da indústria sul-riograndense**. Porto Alegre: Riocell.1985.

SALABERRY, Jeferson D. **A agroindústria no Bairro Porto**. 2012. 229 f.. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e urbanismo) – Programa de pós-graduação em Arquitetura e urbanismo, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

SILVA, Neuza R. J. **Entre os valores do patrão e os da nação, como fica o operário?** 1999. 166 f... Dissertação (Mestrado em história do Brasil) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Pelotas, 1999.

SILVA, Neuza R. J. **Vilas operárias no Rio Grande do Sul: uma breve reflexão sobre o Bairro da Balsa em Pelotas, Bairro São Cristóvão em Passo Fundo e Galópolis em Caxias do Sul**. UFES. Programa de Pós-Graduação em História. Porto Alegre. vol. 24, 2010, p. 320-339.

TEJADA, César A. O. O desempenho econômico de Pelotas (1939 – 2009): uma análise comparativa com os principais municípios do interior do RS. **Teoria e Evidencia Econômica**. Pelotas. Ano 19, n. 41, p. 118-149, jul./dez. 2013.

HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização**. Rio de Janeiro. 2007.